

Começa a definição da tática de combate

BRASÍLIA — O fenômeno Collor assusta todos os candidatos, mas produz efeitos diferentes em suas campanhas. Os coordenadores peemedebistas, por exemplo, querem vender Fernando Collor de Mello como um tiro no escuro, para apresentar Ulysses Guimarães como solução para a estabilidade democrática: se Collor é jovem, Ulysses é experiente; se o PRN praticamente inexistente, o PMDB tem milhões de militantes; se Collor é contra o Congresso, Ulysses vai ressaltar a importância das instituições.

Como ele, Mário Covas, do PSDB, Afif Domingos, do PL, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, Roberto Freire, do PCB, Ronaldo Caiado, do PDC, e Jânio Quadros, do PSD, tratam de analisar os motivos da disparada de Collor para tirar lições e escolher as armas de combate.

A única exceção, ainda, é Aureliano Chaves, que não quer atacar os concorrentes, se bem que não teve tempo de traçar estratégias de campanha.

O dissidente pefelista Jorge Bornhausen, senador por Santa Catarina, pode não se entusiasmar pela candidatura Aureliano, mas concorda com a tática.

"Se ficarem batendo no Collor, o efeito será inverso", prevê Bornhausen, para quem "o candidato foi favorecido pela mídia e só por ela poderá ser destruído, na época dos debates". É mais ou menos o que pensam os tucanos. "Ele vai se autodestruir, pois o povo vai lembrar que foi da Arena, do PDS e do PMDB, antes de entrar no PRN e ficar fingindo que não é político", diz o deputado Egidio Ferreira Lima (PE). "Covas apresentará soluções em vez de ficar falando contra e no vazio", define o também tucano José Righi, coordenador da campanha peessedebista.

O PT tem um candidato jovem como Collor, mas com o trunfo da íntima vinculação de Lula com os assalariados. "É isso, principalmente, que distingue Lula de Collor", afirmou o deputado João Paulo (MG), na sexta-feira, em Brasília, en-

quanto o comando petista se reunia em São Paulo para discutir a sucessão.

Na opinião de João Paulo, Collor é favorito, hoje, porque está correndo sozinho na faixa política de centro-direita, onde mais tarde poderá estar Jânio, "com mais experiência e talento", concorda o tucano Ferreira Lima. Mas o espaço de Jânio está muito reduzido. Ele precisaria criar um efeito tão surpresa quanto Collor, para poder voltar à tona", admite o janista Gastone Righi, líder do PTB.

O PTB, aliás, é um partido que sofre diretamente a ação corrosiva do fenômeno Collor. "Não sei se Collor é um cometa ou um astro, mas que interfere no PTB, isso interfere", disse Paiva Muniz, presidente do partido, depois de falar ao telefone com o candidato.

ESPAÇOS

Roberto Freire, do PCB, comparou Jânio a Collor: "Um é a vassoura, o outro é o aspirador de pó", disse ele, ambigualmente, mas ressaltando que "ambos têm uma base de sustentação gelatinosa". Freire acha que ocupou bem os espaços da intelectualidade (meios artísticos e universitários, por exemplo), e pensa agora em investir em setores mais amplos da sociedade.

Afif Domingos projetava para ele mesmo a trajetória que está sendo cumprida por Collor. Afinal, também é jovem (45 anos), tem um pequeno partido, pouca vinculação com os políticos e um discurso que considera moderno, em defesa da livre iniciativa. "Podia ser você", lamentou um assessor de Afif, quando ambos leram juntos os resultados das pesquisas que deram 32% para Collor.

Brizola é um caso à parte. Publicamente, ele se digladiava com Collor, mas no limite, pois nos bastidores o PDT julga mais conveniente deixar que os outros candidatos se desgastem no corpo-a-corpo com o adversário. Afinal, Brizola está em segundo lugar, não tem porque rever a estratégia ou alterar o discurso.